

MILAN KUNDERA

A VALSA DOS ADEUSES

Tradução

Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1973 by Milan Kundera
É proibida toda e qualquer adaptação da obra

Tradução anteriormente publicada pela Editora Nova Fronteira S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
La valse aux adieux

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Maria Ignez França

Revisão
Adriana Moretto
Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kundera, Milan
A valsa dos adeuses / Milan Kundera ; tradução Teresa Bulhões
Carvalho da Fonseca. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: La valse aux adieux.
ISBN 978-85-359-1729-1

1. Romance tcheco I. Título.

10-07849

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura tcheca 891.863

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Primeiro dia 9

Segundo dia 29

Terceiro dia 69

Quarto dia 129

Quinto dia 193

Sobre o autor 245

PRIMEIRO DIA

1

É início de outono e as árvores se colorem de amarelo, vermelho, marrom; a pequena estação de águas, em seu belo vale, parece cercada por um incêndio. Sob as arcadas, as mulheres vão e voltam e se inclinam junto às fontes. São mulheres que não podem ter filhos e nessas águas termais esperam encontrar a fecundidade.

Os homens aqui são bem pouco numerosos; no entanto, veem-se alguns entre os curistas, pois parece que as águas termais, além de suas virtudes ginecológicas, são boas para o coração. Apesar de tudo, para cada curista masculino, contamos nove do sexo feminino, e isso enfurece a jovem solteira que trabalha aqui como enfermeira e que toma conta, na piscina, das senhoras que vêm tratar de esterilidade!

Aqui nasceu Ruzena, aqui vivem seu pai e sua mãe. Conseguirá ela um dia escapar desse lugar, desse terrível fervilhar de mulheres?

Estamos numa segunda-feira e o dia de trabalho chega ao fim. Restam apenas algumas mulheres gordas, as quais é preciso enrolar num lençol, estender numa cama de repouso, enxugar o rosto e sorrir.

— E você vai telefonar? — perguntam a Ruzena suas colegas; uma delas é uma gorda de quarenta anos, a outra é mais moça e magra.

— E por que não? — diz Ruzena.

— Vamos! Não tenha medo! — responde a quarentona,

conduzindo para trás das cabines do vestiário onde as enfermeiras têm seu armário, sua mesa e seu telefone.

— É para a casa dele que você devia ligar — comenta maldosamente a magra, e as três caem na gargalhada.

— Eu sei o número do teatro — diz Ruzena, quando o riso termina.

2

Foi uma conversa horrível. Assim que ele ouviu a voz de Ruzena no aparelho, ficou apavorado.

As mulheres sempre o atemorizaram; no entanto, nenhuma delas acreditava nisso, e viam nessa afirmação apenas uma brincadeira sedutora.

— Como vai você? — perguntou ele.

— Nada bem — ela respondeu.

— O que é que há?

— Preciso falar com você — disse, patética.

Era exatamente esse tom patético que ele esperava com temor havia muitos anos.

— O quê? — disse ele com voz embargada. Ela repetiu:

— Preciso muito falar com você.

— O que está acontecendo?

— Uma coisa que diz respeito a nós dois.

Ele não conseguia falar. Ao cabo de um instante, repetiu:

— O que está acontecendo?

— Estou com um atraso de seis semanas.

Fazendo um grande esforço para se controlar, ele disse:

— Não deve ser nada. Isso às vezes acontece e não quer dizer nada.

— Não, dessa vez é isso mesmo.

— Não é possível. É absolutamente impossível. Em todo caso, não pode ser culpa minha.

Ela se ofendeu.

— Faça-me o favor, o que você pensa que eu sou?!

Ele estava com medo de ofendê-la, pois, subitamente, tinha medo de tudo:

— Não, não quero magoar você, que tolice, por que iria magoá-la, digo apenas que não pode ter sido comigo, que você não tem nada a temer, que é absolutamente impossível, fisiologicamente impossível.

— Nesse caso, é inútil — diz ela, cada vez mais ofendida.

— Desculpe tê-los incomodado.

Ele temia que ela desligasse.

— Não, de modo algum. Você fez bem em telefonar! É claro que estou pronto a ajudá-la. Tudo pode se ajustar.

— O que você quer dizer com se ajustar?

Ele sentia-se desconcertado. Não ousava chamar a coisa por seu verdadeiro nome:

— Bem... é... se ajustar.

— Eu sei o que você quer dizer, mas não conte com isso! Esquece essa ideia. Mesmo que eu tivesse que estragar minha vida, eu não faria isso.

Mais uma vez ele ficou paralisado de medo, mas agora tomou timidamente a ofensiva:

— Por que me telefona se não quer falar comigo? Você quer discutir o assunto comigo, ou já tomou uma decisão?

— Quero discutir com você.

— Vou ver você.

— Quando?

— Eu aviso.

— Está bem.

— Até logo.

— Até logo.

Ele desligou e voltou para a sala onde estava sua orquestra.

— Senhores, o ensaio terminou. Agora não consigo mais.

Quando ela desligou, estava vermelha de excitação. Ofendeu-se com a maneira de Klima receber a notícia. Aliás, estava ofendida havia muito tempo.

Tinham se conhecido dois meses antes, numa noite em que o famoso trompetista se apresentava com sua orquestra na estação de águas. Depois do concerto houve um coquetel para o qual ela foi convidada. O trompetista preferiu-a entre todas e passou a noite com ela.

Depois disso, não deu sinal de vida. Ela lhe mandou dois cartões-postais dando notícias e ele nunca respondeu. Um dia, quando estava de passagem pela capital, ela telefonou para o teatro onde sabia que ele ensaiava com a orquestra. O sujeito que atendeu pediu que ela se identificasse e depois disse que ia chamar Klima. Quando voltou, alguns instantes depois, avisou que o ensaio tinha acabado e que o trompetista tinha ido embora. Ela achou que poderia ser uma maneira de afastá-la e ficou ainda mais ressentida porque já temia estar grávida.

— Ele afirma que é fisiologicamente impossível! É fantástico, fisiologicamente impossível! Eu imagino o que vai dizer quando a criança nascer!

Suas duas colegas aprovaram calorosamente. No dia em que anunciou, na sala saturada de vapor, que na noite anterior tinha vivido horas indescritíveis com um homem célebre, o trompetista se tornara propriedade de todas elas. Seu fantasma acompanhava-as na sala onde se revezavam e, se em algum lugar seu nome fosse pronunciado, elas riam maliciosamente como se ele fosse uma pessoa que conhecessem na intimidade. Quando souberam que Ruzena estava grávida, foram invadidas por um estranho prazer, só porque ele estava fisicamente presente nas entranhas profundas da enfermeira.

A quarentona a consolava:

— Vamos, querida, se acalme! Tenho uma coisa para você.

Depois mostrou-lhe uma revista suja e amassada:

— Olhe!

Todas três contemplaram a fotografia de uma morena jovem e bonita em cima de um estrado, com um microfone diante dos lábios.

Ruzena tentava decifrar seu destino naqueles poucos centímetros quadrados.

— Não sabia que ela era tão moça — disse, cheia de apreensão.

— Espera aí! — sorriu a quarentona. — É uma foto de dez anos atrás. Eles têm, os dois, a mesma idade. Essa mulher não é rival para você!

4

Durante a conversa telefônica com Ruzena, Klima lembrou-se de que esperava esta terrível notícia havia muito tempo. Claro que não tinha nenhum motivo razoável para pensar que fecundara Ruzena na noite fatal (pelo contrário, tinha certeza de estar sendo acusado injustamente), mas aguardava uma notícia deste gênero havia muitos anos, e muito antes de conhecer Ruzena.

Tinha vinte e um anos quando uma loira que se apaixonara por ele teve a ideia de simular uma gravidez para obrigá-lo a casar. Foram semanas cruéis, que lhe causaram espasmos no estômago, e no final ele caiu doente. A partir daí soube que a gravidez é um golpe que pode surgir de qualquer lugar e a qualquer momento, um golpe contra o qual não há para-raios e que se anuncia numa voz patética pelo telefone (sim, também daquela vez a loira lhe dera a funesta

notícia por telefone). O incidente de seus vinte e um anos fez com que depois ele sempre se aproximasse das mulheres com um sentimento de angústia (com bastante zelo, no entanto) e que depois de cada encontro de amor temesse sinistras consequências. Tentava se convencer, à força de raciocínio, que, com sua prudência doentia, a probabilidade de um tal desastre mal chegava a um milésimo por cento, mas até mesmo esse milésimo conseguia assustá-lo.

Uma vez, tentado por uma noite livre, telefonou para uma moça que não encontrava havia dois meses. Quando ela reconheceu sua voz, exclamou:

— Meu Deus, é você! Estava esperando seu telefonema com tanta impaciência! Precisava tanto que você me telefonasse!

E ela dizia isso com tal insistência, com tal sofrimento, que a angústia já conhecida apertava o coração de Klima e ele sentia, com todo o seu ser, que o instante temido tinha chegado. Como ele queria, o mais rapidamente possível, encarar a verdade, tomou a ofensiva:

— E por que você me diz isso num tom tão trágico?

— Mamãe morreu ontem — respondeu a moça, e ele ficou aliviado, mesmo sabendo que, de qualquer maneira, um dia não conseguiria escapar da desgraça.

5

— Chega. O que significa isso? — diz o baterista, e Klima acaba recuperando o ânimo. Via em torno dele os rostos preocupados dos músicos e explicou-lhes o que estava acontecendo. Os homens largaram os instrumentos e se dispuseram a ajudá-lo com conselhos.

O primeiro conselho era radical: o guitarrista, que tinha dezoito anos, declarou que uma mulher como a que acabara